

Coordenadores:

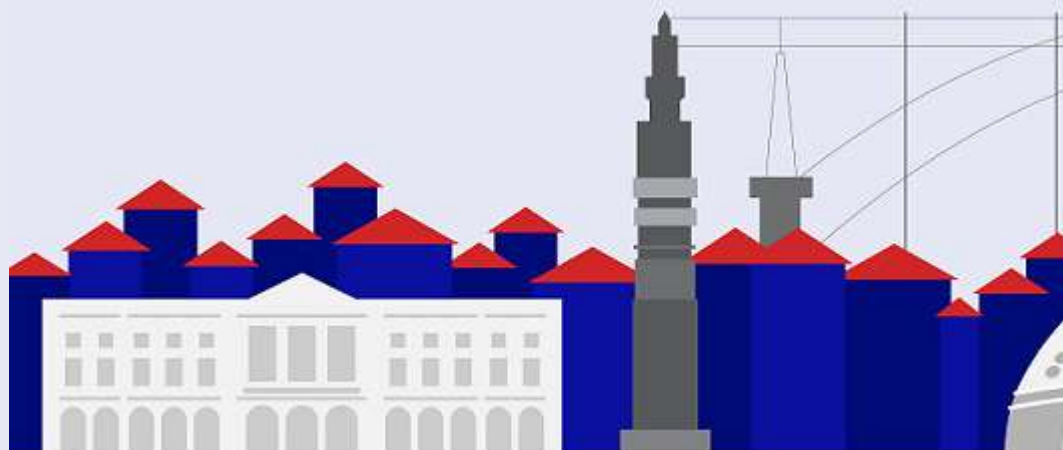
Cicilia M.Krohling Peruzzo

Vasco Ribeiro

Helena L. Dias Lima

Comunicação, identidades e diálogo na cidade mediatizada

Livro do XVII Congresso Ibero-Americano de Comunicação 2022



Porto, Portugal

2023

Livro de Atas Ibercom 2022

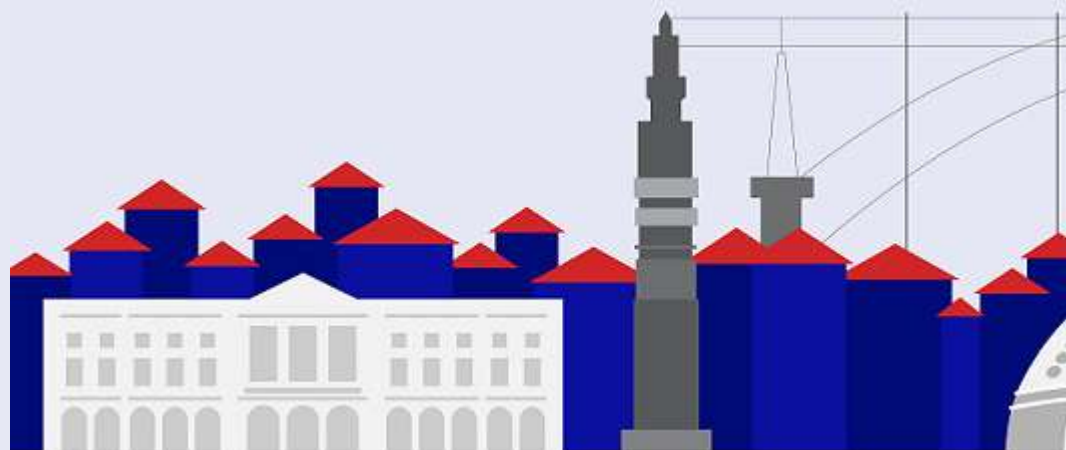
Cicilia M.Krohling Peruzzo

Vasco Ribeiro

Helena L. Dias Lima

Comunicação, identidades e diálogo na cidade mediatizada.

Livro do XVII Congresso Ibero-Americano
de Comunicação 2022



CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Porto, Portugal

2023

XVII Congresso Ibero-Americano de Comunicação - IBERCOM 2022

Tema Central: Comunicação, Identidades e Diálogo na Cidade Mediatizada

Data: 26 a 28 de Outubro de 2022

Local: Universidade do Porto / Pavilhão Rosa Mota / Jardins do Palácio de Cristal – Portugal

Promoção: Associação Ibero-Americana de Investigadores de Comunicação (ASSIBERCOM) - Brasil

Realização: Faculdade de Letras, Universidade do Porto - Portugal

Ficha catalográfica

ASSIBERCOM Associação Ibero-Americana de Investigadores de Comunicação

Universidade do Porto (Portugal)

Data: 26 a 29 de outubro de 2022: Portugal

XVII Congresso Ibercom 2022 [livro eletrônico]: Comunicação, Identidades e Diálogo na Cidade Mediatizada / ASSIBERCOM Associação Ibero-Americana de Investigadores da Comunicação / Universidade do Porto; Organização Círculo Maria Krohling Peruzzo; Vasco Ribeiro; Helena Lima

Porto: Assibercom, 2023.

Título: **Comunicação, identidades e diálogo na cidade mediatizada**

Coordenação: Cíclia M. Krohling Peruzzo, Vasco Ribeiro, Helena L. Dias Lima

© 2023 Autores

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt

Este trabalho é sujeito a *double-blind peer review*.

Esta é uma obra em Acesso Aberto, disponibilizada online (link) e licenciada segundo uma licença Creative Commons de Atribuição Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY 4.0)



ISBN: 978-989-8970-61-9

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-61-9/com>

PERUZZO, C. M.K, C., RIBEIRO, V.& LIMA, H. , coord (2023). *Comunicação, identidades e diálogo na cidade mediatizada*. Porto: CITCEM

Porto, outubro de 2023 (1.ª edição)

Este trabalho foi elaborado no quadro das atividades do grupo de investigação «Informação, Comunicação e Cultura Digital», e é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.



Nota:

A responsabilidade sobre fotografias, imagens e demais Ilustrações de terceiros, bem como sobre o conteúdo e correção textual é inteira e exclusivamente dos autores.

SUMÁRIO

Apresentação | p. 14

Primeira parte: Textos das conferências proferidas nas sessões plenárias | p. 16

Capítulo 1

Cidade, comunicação para o diálogo e governança social na sociedade mediatizada e multifacetada | p. 17

O direito à cidade e os novos media | p. 18
Paulo Serra

Comunicación y gobernanza en una sociedad plataformizada | p. 29
Carlos M. Arroyo-Goncalves

La ciudadanía en la conversación política en Twitter: ¿quiénes son los influencers políticos digitales? | p. 37
Andreu Casero-Ripollés

SUMÁRIO

La necesidad de pluriversalizar la comunicación como pensamiento y práctica | p. 47

Erick R. Torrico Villanueva

Ciudadanías digitales: comunicación desde el Sur y diseños para el pluriverso | p. 56

Marisol Cano Busquets, Juan Ramos-Martín, Carlos Barreneche Jurado, Carlos Cortes Sánchez, Offray Vladimir Luna Cárdenas

Riesgos y beneficios de la Inteligencia Artificial para la ciudadanía | p. 64

Rosa Franquet

Capítulo 2

Comunicação e identidades histórico-culturais: direito à paz, à diferença e à cidadania | p. 74

Comunicação Libertadora. Desafios à Ciência da Comunicação na Era Pós-Pandemia | p. 75

Thomas Tufte

La voz ausente de América Latina | p. 86

Raúl Fuentes Navarro

As identidades transculturais e transnacionais. O caso das identidades lusófona e ibero-americana | p. 94

Moisés de Lemos Martins

Análisis de propuestas comunicacionales que pueden contribuir a la apropiación social de la “paz total” y el “vivir sabroso” | p. 106

Beatriz Elena Marín Ochoa

Telenovela e Direitos Humanos: a Narrativa de Ficção como Recurso Comunicacional para a Cidadania | p. 113

Maria Immacolata Vassallo de Lopes

Segunda parte: Trabalhos apresentados nas Divisões Temáticas Ibercom | p. 129

1.DTI Epistemologia, Teoria e Metodologia da Comunicação | p. 130

Crítica e Resistência | p. 131

Tânia Maria de Oliveira Teixeira Pinto

SUMÁRIO

2.DTI Comunicação E Cidadania

I p. 142

Produção transmídia de temática LGBTQIA+: novas plataformas para novos conteúdos I p. 143

André Fischer

Expresiones violentas o de odio generadas en torno a la renuncia de Evo Morales I p. 153

Carlos M. Arroyo-Goncalves; Luis Alejandro Phillips Pedriel; Lea Nathalia Camacho Peredo; Sofía Vargas Vasquez; Lorena Quisbert Pinedo

Repertório de ação e de comunicação dos movimentos sociais: o ciberativismo durante a Pandemia de Covid-19 I p. 161

Caroline Kraus Luvizotto

Jornalismo, cotidiano e contra-hegemonia I p. 170

Cátia Guimarães

Comunicação da ciência em engenharia: uso do audiovisual para ações de transferência de tecnologias de pesquisas em concreto resultante de parceria público-privada no Brasil I p. 181

Mirna Tonus, Adriana C Omena Santos, Antonio Carlos dos Santos

3.DTI Educomunicação I p. 193

Um olhar para o Reino Unido: Percepções e transformações da media literacy no Brasil I p. 194

Ana Carolina Trindade

Competência Crítica em Informação e Prática Docente: uma análise sobre a relação do professor com a desinformação I p. 204

Ana Paula Alencar, Marco Schneider

Maricá das artes: um projeto educacional de transformação social e dinamização comunitária pelo ensino gratuito de linguagens artísticas I p. 217

Mário Margutti

TV FEBF on line: transformações televisivas na formação de professores I p. 229

Alita Sá Rego

Produção transmídia de temática LGBTQIA+ : novas plataformas para novos conteúdos

André Fischer
UFSCar- Universidade Federal de São Carlos
afischer@uol.com.br
(São Paulo, Brasil)

Resumo

A produção cultural de motivação ativista tem se adaptado às novas linguagens e formatos digitais, especialmente a partir da pandemia da Covid-19. Grupos formados por artistas envolvidos com causas LGBTQIA+ tem se apropriado de novas tecnologias e elaborado projetos que se desenvolvem em diversas plataformas digitais. O uso de múltiplas plataformas vem permitindo expandir a visibilidade e circulação do conteúdo em projetos que tratam de questões relacionadas à diversidade sexual. São analisados projetos transmídia desenvolvidos no Brasil em múltiplas plataformas entre 2020 e 2022 com o uso de diferentes linguagens e meios como processo de mobilização e engajamento para causas específicas referentes a essas comunidades. Diferentes temáticas e novos fluxos narrativos têm sido desenvolvidos de acordo com as possibilidades oferecidas por diferentes meios como cinema, teatro, mídias sociais, realidade virtual, realidade expandida e games permitindo novas formas de subjetivação da experiência de pessoas LGBTQ+.

Palavras- chave: Multiplataformas, transmídia, XR, LGBT, audiovisual

Keywords: Multi-platform; transmedia; XR; LGBT; audiovisual

Introdução

Após décadas de avanços em questões relacionadas a pautas identitárias, a prática cultural engajada em causas sociais vem sendo afetada pela turbulência política causada por setores ultraconservadores que questionam a legitimidade das conquistas de direitos de grupos minorizados. Editais e subsídios a nível federal e estadual direcionados ao patrocínio de produções audiovisuais tratando temáticas específicas como a LGBTQIA+ foram cancelados ou interrompidos no Brasil desde 2018. Importante exceção deve ser mencionada a projetos que receberam apoio através

1 Trabalho apresentado na DTI 3 Comunicação e Cidadania, XVII Congresso Ibero-Americano de Comunicação – IBERCOM 2022, realizado de 26 a 29 de Outubro de 2022 no Super Bock Arena, na cidade do Porto, Portugal, promovido pela Assibercom e pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

da Lei Aldir Blanc² e alguns apoios pontuais a nível municipal em 2020 e 2021, período marcado pelas maiores restrições à circulação de pessoas resultantes da pandemia de Covid-19. Por outro lado a produção cultural de cunho ativista também foi tocada por avanços tecnológicos que proporcionaram acesso a plataformas para exibição de trabalhos, como as redes sociais, notadamente Youtube e Instagram. Esses meios ofereceram alternativas para distribuição de obras audiovisuais, antes restritas aos tradicionais canais de televisão e salas de cinema que raramente abriam espaço em suas programações para essas produções.

O presente trabalho, realizado como parte do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som da UFSCar, acompanhou o processo dos projetos desde suas concepções, passando pela construções de universo e roteiros multiplataforma. A pesquisa aponta que o uso de múltiplas plataformas vem permitindo expandir a visibilidade e circulação do conteúdo tratado em projetos que tratam de questões relacionadas à diversidade sexual. Esses novos fluxos narrativos têm estimulado também a produção de subjetividades e da experiência de pessoas LGBTQ+ através de novos projetos artísticos realizados a partir desses trabalhos pioneiros.

Enquadramento Teórico

Devido a sua condição básica de circulação de mensagens, o ativismo construiu uma relação direta com os meios de comunicação; sendo possível notar como as mudanças sofridas com o passar do tempo terminaram por promover uma relação de mútua transformação (PADOVANI;NESTERIUK, 2022). Com a proliferação de plataformas e a criatividade dos produtores culturais gerando novos gêneros de conteúdo, algumas dessas plataformas dominantes facilitaram a criatividade e a diversidade na produção de conteúdos por alguns setores e movimentos sociais, abrindo novos espaços para expressões de cidadania (DUFFY;POEL;NIEBORG, 2019). A existência dessas redes possibilitou também novas conexões e leituras das demandas sociais entre os usuários de determinadas comunidades, fomentando o estabelecimento de pautas comuns, que ganham visibilidade e capilaridade. A interação entre a lógica técnica dos produtores de conteúdos que fogem da lógica mercantil e a lógica social dos usuários interessados em consumir esses conteúdos tem possibilitado a construção de novos horizontes temáticos. Ainda segundo Duffy, a proliferação de plataformas e a criatividade dos produtores culturais gerando novos gêneros de conteúdo, pode estar abrindo novos espaços para expressões de cidadania. Albagli (2013) recorre ao conceito de “mídias táticas” para se referir a novas formas de ativismo surgidas a partir do desenvolvimento da internet. A autora questiona se seu caráter inovador não mudaria a forma de organização de ativistas, que passariam a estabelecer vínculos temporários permitindo hibridização, mobilidade e a recuperação da imaginação. Esse processo estaria estabelecendo o desuso de práticas tradicionais de resistência identitárias, consideradas pela autora como esvaziadas ou que pareceriam não fazer mais sentido. O ativismo exercido através de práticas culturais e produções que envolvem novas tecnologias estaria criando novos canais e plataformas de comunicação e sociabilidade, transformando as relações sociais na forma de subjetividade e linguagem, representadas nas mediações técnicas dos meios de informação e comunicação (ALBAGLI; CLINIO, 2013).

Como forma de potencializar suas mensagens, grupos e coletivos usam estratégias artísticas e estéticas para sensibilizar a sociedade em torno de causas e reivindicações sociais. Narrativas transmídia vem sendo utilizadas como forma de não apenas ampliar o alcance junto a distintos públicos, mas também como estratégia narrativa para aprofundar mundos ficcionais em torno de determinadas temáticas em múltiplos meios e plataformas. E diferentemente dos modelos narrativos tradicionais baseados em roteiros para apenas um meio, o uso de mais de uma plataforma permite vários pontos de acesso a uma história, onde o ‘todo’ é maior que a soma das partes. Como narrativas transmídias entendemos aquelas que se caracterizam pela criação de universos

2 A Lei federal 14.017/2020, conhecida como Lei Aldir Blanc, estabeleceu ajuda emergencial para artistas, coletivos e empresas que atuam no setor cultural que atravessaram dificuldades financeiras durante a pandemia.

narrativos expandidos e por um maior grau de complexidade narrativa.

Por definição, é um modelo que existe somente na convergência de estratégias narrativas que contemplem diferentes mídias, correspondendo a um formato ficcional que imprime a marca da complexidade estrutural ao objeto audiovisual contemporâneo. Essas mudanças no paradigma do storytelling coincidem com a multiplicação de telas (MASSAROLO, 2013)

Dessa forma o ativismo cultural que se utiliza de uma prática narrativa transmídia aproveita os avanços tecnológicos para atuar sem depender diretamente das grandes corporações de mídia, com uma certa liberdade e com velocidade na disseminação de conteúdos, comunicando diretamente com indivíduos e grupos de determinados nichos sociais e seus desejos políticos (PADOVANI, 2018). O novo desafio para produtores do audiovisual passa a ser o desenvolvimento de conteúdos que funcionem em diferentes mídias, aproveitando o melhor de cada meio ou plataforma - seja filme, série, teatro presencial, game, Realidade Virtual, TikTok, Twitter, Instagram, livro ou quadrinhos – desde que cada uma delas seja autossuficiente o bastante para permitir um consumo autônomo (JENKINS 2003). Esse processo de desenvolvimento do universo transmídia de uma determinada narrativa deve ocorrer de tal forma que elementos de uma história sejam dispersos e entregues através de vários canais “com objetivo de criar uma experiência unificada e coordenada, onde idealmente cada meio faz sua própria contribuição única para o desenrolar da história” (JENKINS, 2015). Um novo mundo de possibilidades narrativas e desenvolvimento de temas sociais é aberto quando esses elementos são combinado com o poderoso impulso da comunidade artística e LGBTQIA+ de contar histórias.

Metodologia

Além da pesquisa acadêmica, alguns projetos desenvolvidos por coletivos formados por pessoas LGBTQIA+ no período de 2020 a 2022 que trazem diferentes abordagens sobre temáticas identitárias com uso de diferentes tecnologias e plataformas foram analisados com maior profundidade, incluindo as entrevistas com artistas e produtores dos projetos, na dissertação de mestrado, do qual a presente pesquisa faz parte.

São analisados em profundidade ‘Antropotomia ou a Delicadeza nos Tempos do Ódio’, projeto com storytelling multiplataforma que inclui a encenação do espetáculo em teatro com presença de público e conteúdos para TikTok e Twitter e transmissões pelo Instagram e o trabalho do ator, diretor e Victor di Marco em diversas plataformas sobre capacitismo, sexualidade e os desafios da vida de pessoas LGBTQIA+ com deficiência, através de relatos sua experiência pessoal. A pesquisa foi iniciada com a identificação e revisão de literatura sobre ativismo multiplataforma, acompanhou a realização de espetáculos transmídia desenvolvidos por diversos coletivos em São Paulo, colheu depoimentos pessoais de artistas e roteiristas dos grupos que foram foco do artigo e realizou análise dos dados referentes às ações e exposições para redação final.

Audiovisual LGBTQIA+ no Brasil, dos vídeos caseiros às produções transmídia

A produção audiovisual de temática LGBTQIA+ era praticamente inexistente no Brasil até o início dos anos 1990, salvo raras exceções de filmes realizados por diretores gays com presença de personagens LGBT, como o longa experimental de João Silvério Trevisan “Orgia ou o Homem que Deu Cria” de 1970 e de Sérgio Bianchi o curta “Maldita Coincidência” de 1979 e o longa “Romance”, primeiro com essas características a chegar ao circuito comercial em 1988. Em 1993, ano da primeira edição do Festival MixBrasil de Cultura, foram exibidos apenas seis curtas metragens produzidos no Brasil desde o início da década de 90. A grande visibilidade do evento na grande mídia catapultou a produção de vídeos e filmes de curta metragem e já no ano seguinte foram inscritos 25 trabalhos

brasileiros com a temática da diversidade sexual. O sucesso do festival foi acompanhado pela criação do BBS MixBrasil³ e posteriormente o portal MixBrasil hospedado no UOL, o surgimento das primeiras “Paradas Gays”⁴ e de centenas de grupos de militância em todo país, colocando a temática dos direitos de pessoas LGBTQIA+ na pauta do debate político e dos noticiários. Nessa época começa a ser notada a presença mais frequente de personagens gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e pessoas não-binárias na teledramaturgia. A evidência da discussão na sociedade sobre essa temática foi acompanhada também por um aumento considerável no número de espetáculos teatrais e obras literárias que passam a ganhar visibilidade inédita no país. Segundo Silva (2012, p.39) o MixBrasil não colocaria “em foco apenas filmes e temáticas específicas, mas todo um conjunto de imagens que no cotidiano ordinário vive em raízes subterrâneas cujas árvores nem sempre florescem”. Em anos posteriores o Festival MixBrasil teve edições em um total de 51 cidades no Brasil e enviou curadorias de programas de curtas nacionais para 43 festivais de cinema em 25 países. Desde então a produção de filmes brasileiros com temática LGBTQIA+ passou a ser reconhecida internacionalmente, obtendo destaque nos principais festivais de cinema no exterior com filmes vencendo prêmios nos principais festivais de cinema mundiais como Cannes e Berlim - como os curtas ‘Tá’ de Felipe Scholl, ‘Cafê com Leite’ e ‘Eu Não Quero Voltar Sozinho’ de Daniel Ribeiro e ‘O Órfão’ de Carolina Markowicz e os longas ‘Tinta Bruta’ de Filipe Matzembacher, Marcio Reolon, ‘A Praia do Futuro’, de Karim Aïnouz, ‘Mãe Só Há Uma’ de Anna Muylaert e ‘Bixa Travesty’ de Claudia Priscilla e Kiko Goifman.

No entanto até 2020 poucos trabalhos sobre a diversidade sexual faziam pontes entre diferentes plataformas. Um dos únicos exemplos é o curta ‘Love Snaps’ de Rafael Lessa e Daniel Ribeiro (Figura 1) realizado em 2016 usando a linguagem visual da rede social de compartilhamento de fotos e vídeos Snapchat, com tela vertical e grafismos próprios do aplicativo.

Com o início da pandemia em março de 2020 vieram restrições sanitárias que fecharam teatros por mais de um ano e meio e com isso toda produção teatral foi forçada a migrar para plataformas digitais. A primeira experiência a estrear no Brasil além das lives caseiras transmitidas pelo Instagram foi “Caso Cabaré Privê” realizada em julho de 2020 pelo Núcleo Pequeno Ato, com direção de Pedro Granato. Cenas pré-gravadas no palco do teatro se misturavam com cenas ao vivo encenadas pelo elenco diretamente de suas casas com transmissão através do zoom permitindo interatividade da plateia, que assumia a função de detetive questionando as testemunhas do assassinato do filho do presidente da república em um cabaré onde trabalhavam prostitutas e gays (BALBI, 2020).

Figura 1: Imagem do curta ‘Love Snaps’ gravado com aplicativo Snapchat em 2016.



Fonte: https://www.mixbrasil.org.br/?s=snap&post_type=post

3 Bulletin Board System, antecessor da internet e das redes sociais, era um sistema informático que permitia a conexão de computadores via linha telefônica e interação com o sistema e outros usuários. BBS MixBrasil foi a primeira rede social direcionada à comunidade LGBTQIA+ da América Latina e uma das primeiras do mundo.

4 As hoje chamadas Paradas do Orgulho LGBT+ surgiram a partir de 1996 com o nome ainda pouco inclusivo de Paradas Gays, passando a incorporar as outras letras da sigla no decorrer da década seguinte

A partir de janeiro de 2021 o Centro Cultural da Diversidade, equipamento da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo dedicado à produção cultural LGBTQIA+ localizado na região da Faria Lima⁵, realizou uma série de residências artísticas de projetos cênicos que experimentaram a convergência de mídias que por conta das restrições sanitárias aconteciam no teatro sem a presença de público e apresentações através do perfil no instagram @ccddiversidade. Inicialmente as chamadas lives, que se popularizaram nos primeiros meses da pandemia, aconteciam em transmissões ao vivo mas em função dos constantes problemas técnicos característicos do formato, passaram a ser pré-gravadas para posterior transmissão. Ainda que o simples fato de terem sido criados para o palco e serem apresentadas online configurasse algum nível de transmidialidade, alguns projetos avançaram na proposta de se desenvolverem em diversas plataformas entendendo essa nova teatralidade “como campo expandido para além das artes” (DIÉGUEZ, 2014). Alguns projetos merecem destaque nessa área. Um dos primeiros projetos desenvolvidos no programa de residências artísticas foi “O Armário Normando”⁶ em novembro de 2020, da diretora e dramaturga Janaína Leite do Grupo XIX de Teatro, conhecido pelas experimentações cênicas relacionadas à diversidade sexual.

A ação se desenrolava no palco para plateia presencial e era simultaneamente transmitida pelo Youtube, tinha o suporte de projeções de cenas em vídeo que interagiam com ação no palco e também contava com cenas com sexo explícito que aconteciam em um pequeno estúdio montado em um canto do palco transmitidas pela plataforma Cam4, para burlar as restrições de conteúdo sexual impostas pelo Youtube. O público presente tanto no teatro quanto no online era convidado a dialogar com aqueles que estavam no Cam4. Em maio e junho de 2021 a cantora Danna Lisboa e artista circense Vulcanica Pokaropa, duas artistas travestis, desenvolveram as experiências em realidade virtual 360 ‘Fluxo Reverso’⁷ e ‘Cólера’⁸ que partiram de roteiros com linguagem de videocliques adaptados para esse meio. Em agosto de 2021 Iara Izidoro, coreógrafa trans recifense, realizou o projeto de residência artística de dança chamado “O Agora não Confabula com a Espera” onde realizou coreografia a partir de sons gerados por sensores musculares e sensores de movimento para manipular controle do som, desenvolvidos em parceria com João Tragtenberg.

O diretor teatral Robson Catalunha, que vem pesquisando aplicações da Realidade Virtual à linguagem teatral, dirigiu o projeto ‘Traved’ (Figura 2) em parceria com a curadora e performer transexual Dodi Leal⁹ que teve apresentações nos meses de novembro de 2021 e abril de 2022. Além da artista presente no palco, o espetáculo costura em sua narrativa imagens em realidade virtual 360° gravadas em diversos pontos da cidade de São Paulo que o público assiste com headsets VR no mesmo espaço físico onde acontecem cenas presenciais “com o intuito de provocar a reflexão sobre conceitos binários como real e virtual, corpo e tecnologia”, segundo o diretor.

5 A região da Avenida Faria Lima, situada na região oeste da capital paulista, concentra a sede de um grande número de empresas de tecnologia como Google e Facebook

6 O projeto fez parte da pesquisa e foi incorporado ao espetáculo transídia “A História do Olho” que viria a receber o Prêmio Zé Renato, principal premiação das artes cênicas de São Paulo em 2021. Estreou na Mostra Internacional de Teatro de São Paulo em junho de 2022.

7 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qhGmaOYoOI8>

8 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PL1D4Rc11D8>

9 Dodi Leal é doutora em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da USP, com estágio doutoral em Estudos Artísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, concentração na área de Estudos Teatrais e Performativos e atualmente é professora do Centro de Formação em Artes da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), na área de Artes Cênicas.

Figura 2: Apresentação do espetáculo ‘Traved’ no palco do teatro do Centro Cultural da Diversidade, com público assistindo cenas VR360 com headset enquanto performer se prepara para cena presencial.



Fonte: <https://www.instagram.com/ccdiversidade>

Diferentes temas em projetos multiplataforma LGBTQIA+

A pesquisa investiga projetos transmídia desenvolvidos por coletivos formados por pessoas LGBTQIA+ no período de 2020 a 2022 que trazem diferentes abordagens sobre temáticas identitárias com uso de diferentes tecnologias e plataformas. São analisados com maior profundidade, incluindo as entrevistas com artistas e produtores dos projetos, dois projetos realizados em São Paulo por coletivos e artistas nos itens que se seguem.

Trupe Acima do Bem e do Mal

O projeto ‘Antropotomia ou a Delicadeza nos Tempos do Ódio’ foi desenvolvido inicialmente para residência artística no Centro Cultural da Diversidade nos meses de abril e maio de 2021, com ensaios e encenação no palco do teatro e apresentação do resultado final através de duas apresentações em lives transmitidas pelo [instagram@ccdiversidade](https://www.instagram.com/ccdiversidade)¹⁰, sem presença de público (Figura 3). A ação se passa em 2052 em um futuro distópico após um vírus ter dizimado boa parte da população mundial e apenas as pessoas transexuais terem se mostrado imunes. Redes sociais e tevês teriam acabado e restado apenas uma rede transmitindo relatos diários das experiências com essas pessoas trans, transformadas em cobaias de um experimento científico. O espetáculo mostra uma sequência dessas transmissões de uma dessas personagens, os momentos que as antecedem e o que acontece nos bastidores.

O projeto foi idealizado e realizado pela Trupe Acima do Bem e do Mal, coletivo de artistas de Ribeirão Preto encabeçado por Emme Barbassa e Davi Tostes, que abordam em seus projetos temas relacionados às questões de pessoas trans e transativismo.

Figura 3: Imagens da gravação da live no instagram do projeto ‘Antropotomia ou a Delicadeza nos Tempos do Ódio’

¹⁰ Disponível em <https://www.instagram.com/tv/CPgyiYpH524/?hl=pt-br> Acesso em 5 de julho de 2022



Fonte: <https://www.instagram.com/ccdiversidade>

Em 2022 a Trupe desenvolveu a versão com storytelling multiplataforma do projeto, que inclui a encenação do espetáculo em palco de teatro com presença de público e conteúdos para TikTok e Twitter. Na apresentação presencial no teatro a plateia é convidada a interagir com a personagem lendo perguntas pré-determinadas distribuídas pela produção da transmissão, compondo uma crítica à falta de espontaneidade desse tipo de programa na atualidade. Foi também elaborado um novo final que coloca o enfermeiro e narrador da versão do instagram como personagem presente em cena. Foram criadas também 15 cenas para o Tiktok usando a linguagem de vídeos curtos verticais da plataforma para apresentar outros momentos do dia da personagem além das transmissões que são retratadas no Instagram e no espetáculo presencial. Essas 15 cenas foram postadas uma por dia nas duas semanas que antecederam a estreia da peça no perfil do Tiktok do projeto, bem como no Reels do Instagram e também são exibidas antes do início da sessão em looping, durante a entrada do público no teatro. No Twitter do projeto foram feitos 15 posts relatando o cenário mundial fictício nos meses que teriam marcado a aceleração da nova pandemia e degradação da civilização, como forma de contextualizar o momento em que a peça, live e tiktoks acontecem.

Dessa forma o projeto, que aborda o preconceito vivido por pessoas trans, pessoas gordas e a manipulação de informações nos meios de comunicação, ganhou uma narrativa transversal que ocupa diferentes meios, com conteúdos que podem ser assistidos independentemente e que se complementam, explorando as características de cada plataforma.

Balde de Tinta

O ator, diretor e roteirista Victor di Marco vem realizando seu trabalho ativista em diversas plataformas sobre capacitismo, a sexualidade e os desafios da vida de pessoas LGBTQIA+ com deficiência, através de relatos sua experiência pessoal.

Fundou em Porto Alegre em 2017 com seu parceiro e namorado, o cineasta Márcio Picoli, a produtora Balde de Tinta. Após estudar produção audiovisual na UniRitter de Porto Alegre e na Raindance Film School London começa a criar em seu perfil pessoal uma série de vídeos curtos no Instagram¹¹ sobre questões relacionadas ao cotidiano de pessoas com deficiência independente da orientação sexual, alguns atingindo mais de 70 mil visualizações. Seu perfil rapidamente ganhou visibilidade o que o colocou na posição de influenciador digital da temática PcD. Em 5 de julho de 2022 contava com 67,5 mil seguidores.

Em seu filme de estreia como diretor, o documentário de curta metragem “O Que Pode um Corpo?” de 2020, conta sua trajetória desde o nascimento e infância, quando foi diagnosticado com paralisia cerebral, sua sexualidade, relacionamento afetivo e também o apresenta como ator em performances especialmente criadas o filme e deixa mais clara sua orientação sexual.

“O Que Pode um Corpo?” recebeu uma série de prêmios em festivais nacionais, entre eles melhor documentário de curta-metragem do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro da Academia Brasileira de Cinema, melhor direção e prêmio Aquisição Sesc no 28o Festival MixBrasil, melhor curta brasileiro segundo o público do 31o Curta Kinoforum e prêmio Canal Brasil no Festival Curta Cinema do Rio de Janeiro.

Em março de 2022 realiza Azul Marítimo, seu primeiro projeto para teatro a partir de residência artística no Centro Cultural da Diversidade, dirigido pela atriz, diretora e também pessoa com deficiência Jessica Teixeira. Na peça de quarenta minutos desenvolve experiências cênicas com seu corpo, explorando sozinho em cena seus limites e potencialidades de movimentos e abordando através de monólogos temas mais adultos como zonas erógenas e prazer sexual.

Em diferentes plataformas, Victor adapta o discurso sobre a vida como homem gay com deficiência, moldando a temática segundo as particularidades de cada meio.

Conclusões

Novas plataformas permitem o desenvolvimento de novas temáticas e novos conteúdos concebidos a partir das possibilidades tecnológicas que cada uma delas oferece. Na produção audiovisual LGBTQIA+ atual há uma evidente diferença temática entre os projetos realizados para o cinema, teatro, redes sociais, realidade virtual, imersiva ou games. Através da visualização de filmes ou vídeos inscritos no Festival MixBrasil nos últimos anos¹² e em redes sociais os temas mais presentes nas produções e conteúdos gerados costumam retratar questões mais cotidianas de gays, lésbicas, bissexuais, pessoas trans e não-binárias, como relacionamentos amorosos, preconceitos sofridos e vida social. As produções teatrais que poderiam ser chamadas de caráter mais ativista têm avançado em experimentações relacionadas à sexualidade e ligadas à sensorialidade corporal, aproveitando o fato da mídia permitir contato direto presencial com o público. Enquanto isso projetos criados para o ambiente digital usam o potencial da realidade interativa e transmídia para criar novos mundos e propor a experiência de formas de vidas não-humanas e temas relacionados ao transhumanismo¹³. Podemos observar também que conteúdos realizados em múltiplas plataformas apresentam desafios gerados pela dinâmica e abrangência oferecida por cada uma das plataformas em relação ao conteúdo produzido. Projetos transmídia de temática LGBTQIA+ têm apresentado novas reflexões adequadas aos meios pelos quais se desenvolvem, como demonstrado nos três projetos apresentados no capítulo três deste artigo.

O surgimento da narrativa que borra a linha entre os mundos físico e digital e fornece novas estruturas de histórias apresenta também a possibilidade de atrair novos públicos, “contando histórias com maior alcance e capazes de oferecer experiências mais ricas e imersivas que incentivam o envolvimento ativo do público e a participação na co-construção da ‘verdade’ encontrada nos mundos das histórias da realidade” (OGDEN, 2020). A partir da consolidação do processo de digitalização e plataformização, a tradicional formatação entre o meio e a mensagem vem modificando suas fronteiras técnicas e temáticas. “Esse processo inaugura a convergência

12 Entre 2020 e 2022 mais de 2 mil curtas e longas metragens foram inscritos no Festival MixBrasil e mais de 1500 foram assistidos pelo autor dessa pesquisa (que é diretor do MixBrasil e membro do comitê de seleção), incluída a totalidade das inscrições brasileiras cerca de 650.

13 Segundo Godinho há duas formas de entender o transhumanismo. A primeira que propõe o uso de tecnologias avançadas que visem ao aprimoramento das capacidades humana que preserva a essência das características humanas, por meio de biomelhoramentos. A outra, de caráter mais radical, sugere a superação da própria natureza humana através de um radical e definitivo abandono da condição humana que poderia se dar “mediante a fusão do corpo humano com as máquinas, criando-se um ciborgue, isto é, um híbrido composto de partes ora orgânicas, ora cibernéticas; ou por meio da transferência da consciência humana para máquinas ou para ambientes virtuais que independam de suportes físicos, o que significaria, essencialmente, realizar uma ou várias “cópias” da mente humana e transferi-las para um aparato distinto do corpo humano, como um robô, ou mesmo para um aparato integralmente virtual” (GODINHO, 2022).

não somente tecnológica, mas também de conteúdos, que transitam por múltiplas telas, e de práticas de consumo pelo público, que acessam um mesmo conteúdo por diferentes dispositivos (MASSAROLO;MESQUITA;FISCHER; ERTHAL,2022). As conquistas da produção artística audiovisual de grupos de ativismo cultural ocorridos nos últimos anos, e que foram acelerados no período da pandemia do coronavírus, desenvolveram-se em um ambiente de aceleração dos avanços das tecnologias digitais, contando com a crescente participação e interatividade de usuários em redes. Ainda que tenha havido retrocessos Esse movimento de certa forma acontece baseado em relativa liberdade com relação aos grandes centros das mídias tradicionais, “oferecendo velocidade na disseminação de informações, além de quebrar os intermediários governamentais e corporativos na relação entre os indivíduos e seus desejos políticos”. (PADOVANI;MASSAROLO, 2018).

No entanto é importante considerar questões relacionadas à privacidade e liberdade de expressão da produção artística baseada em plataformas digitais frente os retrocessos políticos recentes causados por governos que abertamente buscam restringir direitos de pessoas LGBTQIA+ e paralelamente aumentar o controle das atividades digitais dos cidadãos em países como Rússia, Hungria e Brasil e na China, onde o governo central já tem acesso e controle sobre os rastros deixados pelo uso da de plataformas, redes sociais e internet em geral. Ao assinarem o termo de participação em plataformas como Instagram e Youtube, “as atividades passam a ser monitoradas, a abrangência de seus conteúdos moderados e os dados utilizados para diversas finalidades. – do mais estritamente comercial ao de vigilância” (PADOVANI, 2022).

A discussão sobre limites da liberdade de expressão, discursos de ódio, privacidade e controle sobre informações pessoais é fundamental para o futuro da sociedade em especial para grupos minorizados que são vítimas de ataques constantes, como a comunidade LGBTQIA+. É fundamental criar uma regulamentação e estrutura mundo que garanta que usuários e produtores de conteúdo, independente de suas posições políticas ou orientações sexuais, não venham a ser perseguidos por suas opiniões e estilos de vida.

Referências bibliográficas

- Albagli, S. & Clínio, A. (2013). Apropriação social da internet em ações de mídias táticas: dinâmicas de informação e comunicação [Social appropriation of the internet in tactical media actions: information and communication dynamics} In: ENANCIB, 14. ANCIB <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/461>
- Balbi, C. (2020, 8 agosto) Espectador vira personagem e dá as cartas da trama em peças de teatro virtuais. Folha de S.Paulo <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/08/espectador-vira-personagem-e-da-as-cartas-da-trama-em-pecas-de-teatro-virtuais.shtml>
- Diéguez, I. & Borges, E. (2014) Um teatro sem teatro: a teatralidade como campo expandido [A theater without a theater: theatricality as an expanded field] Sala Preta, v. 14i2 p.125-129 <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v14i1p125-129>
- Duffy, B. E. & Poell, T. & Nieborg, D. B. (2019) Platform Practices in the Cultural Industries: Creativity, Labor, and Citizenship. Social Media and Society, v. 5, n. 4 <https://doi.org/10.1177/2056305119879672>
- Godinho, A.M. (2022, 4 abril) O transhumanismo entre a evolução humana e o abandono da humanidade. Migalhas <https://www.migalhas.com.br/coluna/migalhas-de-direito-medico-e-bioetica/362988/o-transhumanismo-entre-a-evolucao-humana-e-o-abandono-da-humanidade>
- Jenkins, H. (2003, 15 janeiro) Transmedia Storytelling. Moving characters from books to films to video games can make them stronger and more compelling. Technology Review <https://www.technologyreview.com/s/401760/transmedia-storytelling/>
- JENKINS, H. (2015, 9 março) Wandering Srough the Labyrinth: An Interview with USC’s Marsha Kinder (Part Two). Blog: Confessions of an Aca-fan. Consultado a 10 de agosto de 2022 <http://henryjenkins.com>

org/2015/03/wandering-through-the-labyrinth-an-interview-withuscs-marsha-kinder-part-two.html

Massarolo, J. C. (2013) Storytelling Transmídia: Narrativa para multiplataformas [Transmedia Storytelling: Narrative for multiplatforms]. Triade: Comunicação, Cultura E Mídia, v.1 n.2. <https://periodicos.uniso.br/triade/issue/view/152>

Massarolo, J. C. & Mesquita, D. & Fischer A. & Erthal, C. (2022) Plataformização dos festivais de cinema e audiovisual a experiência do MixBrasil [Platformization of film and audiovisual festivals the experience of MixBrasil] REBECA v. 10 n.2 <https://doi.org/10.22475/rebeca.v10n2.799>

Ogden, M. R. (2020) Interactive/Transmedia Documentary: convergence culture meets actuality storytelling Documentário INTERIN, v. 25, n. 1

Padovani, G. & Massarolo, J.C. (2018) Ativismo de dados como uma prática social nas plataformas [Data activism as a social practice on platforms]. In: B.A. & L.C. & C.M (Eds.). Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática [Mediativism interfaces: from concept to practice] CEFET-MG <https://interfacesdomidiativismo.files.wordpress.com/2018/06/e-book-interfaces-do-midiativismo1.pdf>

Padovani, G. & Nesteriuk, S. (2022) Activismo transmedia: estrategias (d)e involucramiento en las multiplataformas [Transmedia activism: strategies of involvement in multiplatforms]. In S.V & C.R & F.L (Eds) Dimensiones del Arte y Tecnología. [Dimensions of Art and Technology] (p.12-37) Fundación Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano DOI:10.21789/9789587253184-Padovani-Nesteriuk

Silva, M. (2012) Territórios do Desejo: performance, territorialidade e cinema no Festival Mix Brasil da Diversidade Sexual.- Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina,